

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXVI nº 1428 | 16/04/2018 a 22/04/2018

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MERCADO

LEITE MADE IN REGIÃO SUL

sistemafaep.org.br



Aos leitores

Cada vez mais, a tecnologia, sanidade, organização e qualificação implantadas no campo têm resultado em saltos de produtividade e produção nas atividades agropecuárias. Isso é bastante perceptivo na pecuária leiteira do Paraná e dos dois outros Estados da região Sul. O problema é quando o mercado consumidor não acompanha esse processo, o que resulta no desequilíbrio e instabilidade do setor.

Diante deste desafio, produtores, indústrias e entidades, como Sistema FAEP/SENAR-PR, trabalham para colocar o leite sulista no mercado internacional. Apesar de inúmeros, os desafios estão sendo superados. É isso que você pode ler na matéria de capa deste informe.

Ainda, nas outras atividades agropecuárias do Estado, o Sistema FAEP/SENAR-PR continua trabalhando na defesa dos interesses do produtor. O último módulo do projeto-piloto de capacitação dos integrantes da CadeCS da avicultura e suinocultura aconteceu em Curitiba. Agora, mais profissionais estão preparados para negociar com as indústrias.

Também de interesse do campo, o ProSolo segue treinando técnicos para desenvolver projetos de recuperação do solo e da água nas propriedades rurais. Já são mais de 200 profissionais prontos para resgatar as boas-práticas agrícolas que colocaram o Paraná como referência no tema.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Ivo Pierin Júnior e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretores Financeiros: João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior |
Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcântara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Julio Cesar Menegueti e Mario Aluizio Zafaneli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Plana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Geraldo Melo Filho

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho
Redação e Revisão: André Amorim e Antonio Carlos Senkovski
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figuei
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1428:

Fernando Santos, AEN, Tony Oliveira, Milton Dória, divulgação, shutterstock e arquivo FAEP

ÍNDICE

LEITE

Estados da região Sul miram no mercado internacional para a estabilidade da pecuária leiteira

PÁG. 4

CADECS

Sistema FAEP/SENAR-PR realiza módulo de técnicas de negociação para instrutores

Pág. 3

COMBUSTÍVEL VERDE

Aumento no percentual de biodiesel no diesel irá impactar mercado de óleo de soja

Pág. 9

HORTIFRUTI

Instrução Normativa determina procedimentos para aplicação da rastreabilidade

Pág. 12

CICLO DE PALESTRAS

Com apoio do SENAR-PR, especialista percorre o Paraná levando informações aos produtores

Pág. 16

PROSOLO

Programa reforça a necessidade de conservação dos principais patrimônios naturais

Pág. 18

Mercado internacional na mira do leite sulista

Produtores, entidades e indústrias da região trabalham para viabilizar a venda de produtos lácteos para o exterior, na ambição da estabilidade dos preços

Por Carlos Guimarães Filho

Nos últimos anos, os números da pecuária leiteira na região Sul estão desajustados. A cada temporada, os três Estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) elevam a produção de leite, reflexo direto da tecnologia, sanidade, organização e qualificação empregadas dentro e fora da porteira. O ponto de desequilíbrio está no consumo, que não acompanha os 'passos largos' do campo. Desta forma, a lei da oferta e da procura, que tanto determina os preços praticados pelo mercado, tem pesado para a falta de estabilidade da remuneração aos produtores.

A situação contrastante entre produção e consumo é facilmente comprovada pelos números oficiais. Em 2016, dado mais

atual disponível da Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), juntos, os três Estados do Sul produziram 12,4 bilhões de litros de leite. A quantidade manteve a região Sul como a maior produtora nacional, à frente do Sudeste, com 11,5 bilhões de litros. Atualmente, 38% do leite brasileiro são produzidos no Sul do país, apesar da região representar menos de 7% do território nacional. A expectativa é, que em função do potencial regional, esse volume atinja 50% até 2023.

Na outra ponta da cadeia, principalmente em função da crise econômica, houve queda no consumo nacional do produto e de vários derivados. As vendas de queijo e iogurte, por exemplo, atingiram os menores níveis desde a temporada 2007/08. Na média, o brasileiro consome 174 litros de lácteos por ano, sendo que o 'guia alimentar para a população brasileira' do Ministério da Saúde recomenda, somando leite e derivados, 200 litros por ano.

Diante deste desequilíbrio, produtores, entidades e indústrias da região Sul buscam o mercado internacional como saída para a estabilidade do setor e, consequentemente, melhora da remuneração em todos os elos da cadeia produtiva, inclusive dentro da porteira. Os três Estados contabilizam 172 mil produtores de leite.

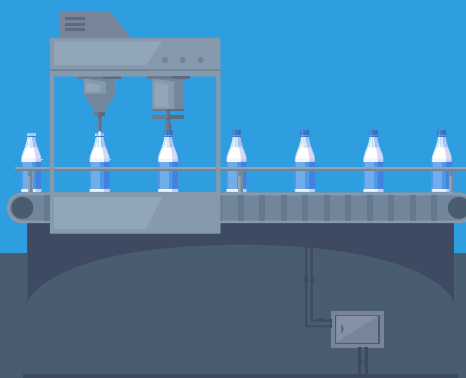
"Temos que perseguir a sustentabilidade da cadeia produtiva. E isso passa pela participação no mercado internacional. Com o aumento da produção, inserção no exterior não é uma escolha, mas uma necessidade", destaca Ronei Volpi, pecuarista, consultor da FAEP e coordenador geral da Aliança Láctea Sul Brasileira (ALSB), fórum que fomen-

ta o desenvolvimento produtivo, industrial e comercial do setor nos três Estados do Sul. "A oferta cresce acima do ritmo da população brasileira. Mesmo projetando alta no consumo nos próximos anos com a melhora financeira das pessoas, fica abaixo [do necessário]. O Brasil precisa se transformar em exportador", reforça Airtton Spies, secretário de Agricultura e Pesca de Santa Catarina.

Quantidade não é problema. No ranking mundial, o Brasil aparece como o quarto maior produtor de leite. Ou seja, o país precisa articular uma estratégia para alcançar os principais mercados consumidores, principalmente na Ásia, aponta Tatiana Palermo, ex-secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) nos anos de 2015 e 2016.

"Como produtor, o Brasil tem possibilidade de exportar. Mas [a exportação] é uma atividade complexa, que requer sanidade, logística, estudo de mercado, composição de preços competitivos, gama de produtos, entre outras variáveis", diz Tatiana. "O produto exportado passa por rígidos padrões de qualidade e exigências sanitárias do mercado comprador. Além das questões de tendência de consumo", complementa.

Em 2016, os lácteos aparecem com menos de 1% de participação dos alimentos exportados pelos Brasil, apenas para nichos de produtos específicos, como leite condensado, doce de leite e creme de leite. Soja, carnes, açúcar, café e milho representaram 94%



820

bilhões de litros de todos os tipos de leite foram produzidos no mundo em 2017

Desafios

Colocar o leite sulista no exterior não é tarefa simples. Mas, de forma unânime, produtores, entidades e indústrias sulistas garantem ser possível. Tanto que, há algum tempo, a cadeia produtiva regional tem trabalhado para viabilizar o negócio, principalmente nos quesitos qualidade, competitividade e organização.

Nos últimos anos uma série de boas práticas agropecuárias tem sido exigida nas propriedades leiteiras para garantir a qualidade do produto, conforme certificações internacionais. Inclusive, multinacionais como Nestlé e Lactalis e as cooperativas dos Campos Gerais, Castrolanda, Frísia e Capal, em intercooperação com outras cinco desenvolvem sistemas que pagam mais aos produtores pelo leite de qualidade. Ainda, o Sul conta com modernos laboratórios para dar suporte técnicos aos produtores e indústrias.

“Aumento da contagem bacteriana, células somáticas e o teor de sólido

envolvem diversos fatores, inclusive o melhoramento do rebanho. Isso é fundamental para melhorar o rendimento industrial. Afinal, não vamos exportar água”, pontua Spies.

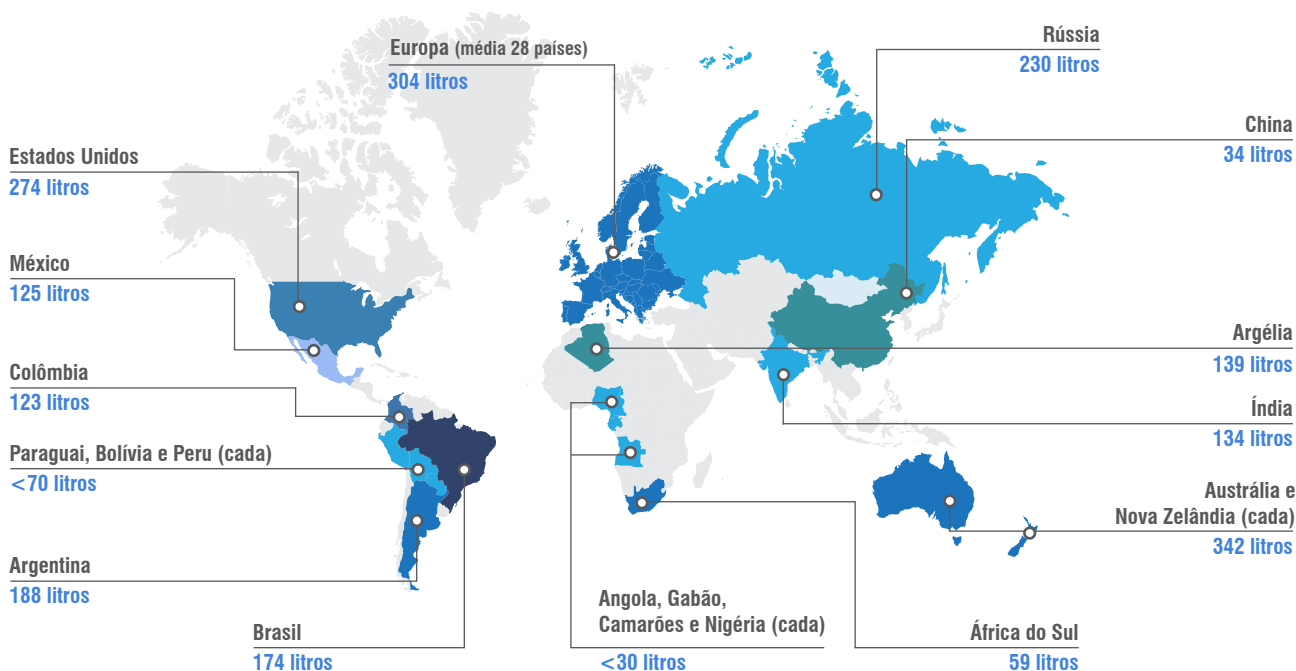
Ainda visando a melhora do rebanho, os três Estados trabalham para erradicar doenças como a tuberculose, a brucelose e a febre aftosa. Segundo o diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Inácio Afonso Kroetz, sanidade é a primeira barreira enfrentada quando se busca exportar alimentos. “Esse é um dos desafios que estamos trabalhando. Precisamos diminuir os índices das doenças. Nossa busca é pelo título de certificação favorável para os três Estados”, diz.

Em outra vertente estratégica, a região trabalha para a melhoria da competitividade, principalmente na produtividade por animal. Neste quesito entram investimentos em genética, tecnologia, bem-estar animal e qualificação da mão de obra. Alguns municípios já são refe-

“Para continuar crescendo, exportar é preciso. Do contrário, vamos nos afogar em leite”

Airton Spies,
secretário de
Agricultura de
Santa Catarina

Confira o consumo de lácteos pelo mundo



*litros / habitante / ano

Fonte: International Farm Comparison Network (IFCN)



rências, como Castro e Carambeí, na região dos Campos Gerais do Paraná, que contabilizam alta produtividade por animal. Porém, isso não representa o contexto regional, o que exige mais e novos investimentos.

Nesta equação também entra a logística de transporte da matéria prima das propriedades até as indústrias. No Brasil, em média, são 47 litros de leite coletados a cada quilômetro percorrido pelos caminhões tanques, enquanto a Nova Zelândia registra 220 litros por quilômetros. Ou seja, o aumento de escala é fundamental para garantir um

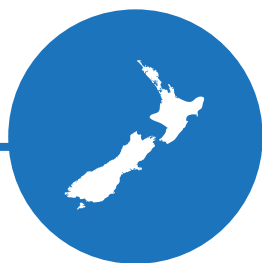
custo de produção competitivo.

“Além de produto de qualidade, precisamos de custo igual ou menor ao dos principais concorrentes. Essa logística eficiente da cadeia é importante para assumirmos compromissos comerciais com o mundo”, diz Volpi. “Para conseguir exportar com qualidade e credibilidade, os três Estados do Sul precisam trabalhar juntos para atender os parâmetros internacionais. Se ficarmos acompanhando o contexto nacional seremos taxados de leite de baixa qualidade”, acrescenta Osmar Redin, chefe de gabinete da secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Rio Grande do Sul, que destaca o importante trabalho estratégico da Aliança Lácteo Sul Brasileira. “O grande mote de existência do Fórum é preparar o Sul para ser exportador de lácteos. O Sul tem que adiantar, para ajudar o restante do Brasil no futuro”, garante Spies.

Mercado potencial

O mapa mundial do consumo de lácteos permite traçar algumas rotas para colocar o leite e derivados no exterior quando o tripé qualidade, competitividade e organização estiver alinhado. A própria América Latina apresenta possíveis compradores de lácteos sulistas. Países como Bolívia, Peru e Paraguai consomem menos de 70 litros por habitante a cada ano (veja quadro na página anterior). A média do consumo mundial está na casa dos 112 litros/habitante/ano.

“A América Latina tem países importadores [de leite]. Talvez seja a nossa primeira grande experiência”, diz o co-



40%

do mercado internacional de lácteos
são abastecidos pela Nova Zelândia



ordenador geral da Aliança Lácteo Sul, lembrando que as negociações para abertura do mercado mexicano estão avançadas. “A partir de 2020 queremos ser um player de

leite no mercado internacional”, projeta.

Para o futuro, a região Sul também está de olho no outro lado do planeta. A população da China registra um dos mais baixos consumos do mundo. Porém, com a projeção de manutenção do crescimento da economia local e da condição financeira dos cidadãos, isso deve se refletir no aumento do consumo de alimentos, inclusive produtos lácteos.

“Temos que vender para quem quer comprar, onde é mais lucrativo. No futuro, o grande potencial é a China”, garante o secretário de Agricultura de Santa Catarina. Apesar da enorme população, a Índia não aparece como prospecção do leite brasileiro por ser a maior produtora do mundo.

Mas a conquista destes mercados vai além de oferecer preço e a quantidade desejáveis. É preciso conhecer a peculiaridades de cada povo, para ofertar produtos personalizados. Ou seja, as indústrias precisam conhecer os gostos locais para desenvolver alimentos conforme o público consumidor.

“É preciso avaliar todas as questões de tendência de consumo. Pessoal lá fora gosta de alguns leites, queijos, iogurtes, variedade de produtos que nem existem no Brasil, pois os gostos são diferentes. A Coca Cola lançou na Índia um leite com sabor manga que faz o maior sucesso”, destaca Tatiana.

Referências colaboram para estruturar plano estratégico

Neste trabalho de preparar a cadeia produtiva sulista para o mercado internacional, Uruguai, Argentina, Nova Zelândia e Austrália aparecem como referências, dentro e fora da porteira, para estruturar o plano estratégico. Os dois primeiros pelo fato de apresentarem condições semelhantes aos Estados da região Sul. Ainda, por exportarem parte significativa do que é produzido. O Uruguai, por exemplo, produz 1,8 bilhão de litros de leite por ano e, com uma população menor que a do Paraná, apenas 3,4 milhões de habitantes, manda bastante leite em pó e outros derivados para o exterior, inclusive para o próprio Brasil. A Argentina, por sua vez, produz 10,6 bilhões de litros.

Numa visão mais macro, os dois países da Oceania, verdadeiras potências mundiais quando o assunto é leite, são as referências na busca por uma cadeia leiteira perfeita. Ambos, além da população que consome bastante produtos lácteos, contam com um nível de competitividade invejável que permite exportar quase metade da produção e abocanhar parte dos

negócios internacionais envolvendo a proteína.

“Esses dois países têm suas pastagens cobertas por neve durante seis meses. Mesmo assim são potências. Nós temos vantagens, inclusive a de produzir muita comida para os animais o ano todo. Temos que transformar isso em vantagem competitiva”, afirma Ailton Spies, secretário de Agricultura e Pesca de Santa Catarina, que morou durante seis anos nestes dois países e conhece em detalhes a cadeia de leite por lá.

A estruturação do leite na região Sul também aproveita ensinamento de duas cadeias referências nacionais: frango e suínos. Estas conseguiram, após um trabalho voltado para sanidade, capacitação, tecnologia e estruturação, atingir o mercado internacional. Essa clientela no exterior permite, quando ocorre uma crise econômica interna, como nos últimos anos, que o enfrentamento seja mais sereno, inclusive com a estabilidade dos preços.

“Há 30 anos o Brasil era o maior importador de leite do mundo. Hoje somos autossuficientes. Apesar do nosso principal mercado ser o interno, precisamos desenvolver o setor para que o mundo se abra para o leite brasileiro”, define Ronei Volpi, coordenador geral da ALSB.